

Plano japonês para a dívida

por Getulio Bittencourt
de Nova York

Detalhes do novo plano japonês para aliviar a dívida externa do Terceiro Mundo começam a vazar. Ele está sendo chamado de "Miyazawa 2", lembrando o ex-ministro da Fazenda do país que lançou o primeiro plano na reunião do Fundo Monetário Internacional (FMI) em Berlim, no ano passado.

A nova estratégia do Japão inclui financiamentos paralelos com o FMI para países em desenvolvimento de renda média. Os recursos poderiam ser utilizados pelos países para vários propósitos. Mas as negociações com cada país seriam feitas separadamente pelo Japão e a equipe técnica do Fundo.

O primeiro Plano Miyazawa sugeriu o lançamento de um novo título, com um desconto em relação ao atual valor da dívida, que seria garantido pelas exportações dos países devedores. Os Estados Unidos opuseram-se à proposta nipônica, que não prosperou.

Esse novo plano começa a ser debatido dentro da intenção do governo japonês de ampliar sua influência na economia internacional através das instituições multilaterais. No caso, especificamente, através do FMI.

O objetivo japonês seria aumentar suas cotas até tornar-se o segundo maior membro do Fundo, abaixo apenas dos EUA. Tóquio teria de superar as cotas da Alemanha Ocidental, França e Inglaterra, que atualmente estão à sua frente.

A principal dificuldade para a consolidação desse programa é a corrente oposição dos Estados Unidos ao aumento de cotas do FMI. O assunto será discutido na reunião conjunta do FMI e do Banco Mundial (BIRD) marcada para os dias 3 e 4 de abril próximo.

As primeiras informações sobre a nova proposta japonesa foram dadas exatamente pelo presidente do

(Continua na página 2)

Os ex-diretores administrativos da Nippon Telegraph and Telephone (NTT), a maior empresa do Japão, foram presos domingo por receber suborno do grupo Recruit. Dois diretores da Recruit também foram presos por venda ilegal de ações da empresa em troca de favores.

(Ver página 2)

Plano japonês para a dívida...

14 FEVEREIRO 1989

por Getulio Bittencourt
de Nova York
(Continuação da 1ª página)

Comitê Interino do FMI, H. Onno Ruding, que afirmou que Tóquio está pronta para oferecer financiamentos paralelos ao Terceiro Mundo, em conjunto com o Fundo.

É interessante que tanto o novo plano japonês quanto o plano da França, delineado em janeiro pelo ministro da Fazenda, Pierre Bérégovoy, passam pelo FMI e não pelo Banco Mundial. Os Estados Unidos, pelo contrário, estão operando mais com o BIRD e menos com o FMI.

Dois exemplos recentes da ação norte-americana via BIRD foram os empréstimos à Argentina, em que Washington intercedeu a pedido dos portenhos, no início da campanha presidencial do ano passado, e ao México, concedido no auge da campanha, em que os republicanos no poder também operam via BIRD.

Isso parece sugerir uma certa inversão do papel histórico do BIRD e do Fundo. Tradicionalmente coube ao FMI fazer o papel duro, o de impor ajustes e recessões, e ao BIRD a função mais generosa de apoiar o desenvolvimento. Atualmente o BIRD estaria sendo mais duro enquanto as propostas mais liberais de

alívio da dívida circulam na área do Fundo, que incorporou às suas regras de reajuste econômico a noção de que é fundamental preservar o crescimento.

Funcionários das duas instituições ouvidos ontem por este jornal entendem que essa é uma visão demasiado politizada do papel de ambas instituições. O fato de o BIRD ser presidido pelo norte-americano Barber Conable e o FMI dirigido pelo francês Michel Camdessus, não teria tanta relevância na definição dos papéis dessas instituições.

A PEDIDO DE BUSH

Ao mesmo tempo, o fato de os Estados Unidos se oporem ao primeiro Plano Miyazawa e resistir ao aumento de cotas que abriria caminho para o Plano Miyazawa II, não significaria uma total insensibilidade de Washington aos programas de alívio da dívida.

Um exemplo de ação positiva do atual governo norte-americano seria a liberação de US\$ 500 milhões de empréstimos japoneses ao Brasil, na semana passada. Segundo a imprensa japonesa, o presidente George Bush teria pedido essa liberação pessoalmente ao primeiro-ministro Noboru Takeshita.

A interferência de Bush junto a Takeshita foi confirmada ontem a este jornal por uma fonte diplomática brasileira. Bush teria intercedido tanto a favor do Brasil quanto do México, em seu encontro com o "premier" japonês em janeiro. Os dois países seriam beneficiados com o fundo de empréstimos ao estrangeiro, a segunda fonte de recursos nipônicos para países em desenvolvimento. A outra é o seu Eximbank.

O principal motivo das posturas negativas dos Estados Unidos seria a indefinição sobre o novo Plano Baker. Até o próximo dia 23, o governo Bush tem de delinear uma proposta qualquer e apresentá-la ao Congresso. Mas a indefinição é grande, e ainda não se sabe se o relatório ao Congresso incluirá detalhes de uma nova proposta sobre a dívida do Terceiro Mundo.